

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE: UMA NECESSIDADE

PAULINO, Valquiria Coelho Pina
Universidade Federal de Goiás- Campus Jataí
valquiria.enf.ufg@gmail.com

Resumo: Discussões e movimentos populares propuseram mudanças que culminaram na criação do Sistema Único de Saúde (SUS) e que determinaram um novo modelo de saúde, onde o foco é a atenção básica, e onde os profissionais de saúde em todos os níveis de atenção precisam estar preparados para resolver as demandas da população e de maneira crítica efetivar as políticas de saúde, onde estão atuando. Para este novo contexto de saúde exige-se um novo profissional de saúde. Tendo em vista que a formação é fundamental para a consolidação das políticas de saúde e melhoria da qualidade da assistência recai sobre a universidade e sobre os docentes a responsabilidade de redefinir os processos de ensino aprendizagem e a proposição de uma nova forma de se construir profissionais de saúde no âmbito das graduações em saúde. Trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem quantitativa. Este texto foi construído a partir de dados preliminares de um trabalho de pesquisa sobre a formação de recursos humanos em saúde. Trabalho este vinculado ao Núcleo de Estudos sobre Gestão e Atenção a Saúde do Trabalhador (NEGEAST –UFG, Campus Jataí) Neste texto fizemos uma reflexão sobre o novo contexto de saúde, sobre a necessidade da formação de um novo perfil de profissional, sobre o papel das universidades e dos docentes neste contexto e sobre as dificuldades no processo da formação. Assim, fica evidente que existe um novo contexto de saúde e a necessidade da formação de um novo profissional de saúde e é necessário para tal que o docente da área de saúde modifique suas atividades educativas e que estudos e discussões sejam propostos para disseminar o conhecimento sobre a formação de profissionais de saúde para diminuir a lacuna que ainda existe sobre esta temática.

1.Introdução

Este estudo é resultado de inquietações enquanto docente da área de saúde e enquanto coordenador de curso e esta vivência permitiu perceber a necessidade de se ter pesquisas que evidenciem a formação dos profissionais de saúde. Cobra-se que exista a formação de um novo perfil de profissional de saúde para um novo contexto de saúde no Brasil, no entanto existe ainda uma lacuna de estudos sobre a formação destes profissionais, pouco se estuda sobre as práticas educativas, sobre como formar este profissional e sobre o papel do docente nesta formação. Assim é necessário que estudos sejam disseminados para que se possa discutir em vários âmbitos a formação destes profissionais. A partir da criação do Sistema Único de Saúde e da lei 8080/90 houveram mudanças nas formas de realizar ações de saúde com foco

na atenção primária e mudanças na formação de recursos humanos para a saúde (BRASIL, 2002).

Esta nova forma de fazer saúde, passa a exigir mudanças no campo da formação dos profissionais de saúde, almejando um perfil generalista, humanista, crítico, reflexivo, capacitado a atuar, pautado nos princípios éticos, no processo de saúde-doença nos diversos níveis de atenção e de acordo com os princípios do SUS (BRASIL,2007)

Neste intuito, os alunos devem durante a graduação serem estimulados a ter uma visão integral do ser humano e ampla da saúde e a trabalhar em equipe interdisciplinar. Neste sentido, os órgãos formadores têm um papel preponderante, uma vez que são agentes do processo educativo e podem contribuir para efetivar as mudanças (BRASIL, 2007).

Contribuindo para diminuir a diferença entre o que é preconizado pelas políticas de reorientação da formação e as ações cotidianas dos professores nos cursos de graduação em saúde. Além disto, a ação deve estar vinculada a gestão do processo educativo e do preparo do aluno para aprender a aprender (COSTA, 2009).

Justificativa

A criação do SUS e as novas demandas de saúde impulsionaram políticas de reorientação da formação de um novo perfil profissional. Uma vez que esta formação ocorre no âmbito da universidade e tem o professor como orientador do processo de ensino e aprendizagem, parece ser essencial que haja modificações também nas práticas docentes.

Tendo em vista que a formação profissional é condição fundamental para a manutenção e melhoria da qualidade na produção de serviços em saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde. Assim recai sobre a Universidade o desafio de redefinir os processos de formação destes profissionais (COSTA,MIRANDA,2010). E ainda na evidência de que existe um novo contexto de saúde e que para trabalhar neste novo modelo de saúde exige-se profissionais com um novo perfil, torna-se oportuno discutir como está acontecendo a formação desses profissionais para esse contexto de saúde

Objetivo:

Este estudo tem o objetivo de discutir o novo contexto de saúde e a necessidade de formar novos profissionais de saúde e como se dá esta formação nos âmbito das graduações em saúde.

Metodologia

Este texto foi construído a partir de dados preliminares de um trabalho de pesquisa sobre a formação de recursos humanos em saúde. Trabalho este vinculado ao Núcleo de Estudos sobre Gestão e Atenção a Saúde do Trabalhador (NEGEAST –UFG, Campus Jataí) .

Discussões:

Para a consolidação e efetivação do novo modelo devem-se dentre outras ações, reorientar a formação na graduação e na pós-graduação. Este novo profissional deve ser formado com base no rigor científico e intelectual e pautado em princípios éticos. Deve ser capaz de conhecer e intervir sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional, com ênfase na sua região de atuação, identificando as dimensões biopsicossociais dos seus determinantes, deve ser ainda capaz de atuar, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano, podendo este profissional trabalhar em diversos campos de atuação (DCN, 2001).

Para o novo contexto surge a necessidade da formação de profissionais pró-ativos, capazes de fazer reflexões sobre o trabalho, e ainda com capacidade de diagnosticar e solucionar problemas, de tomar decisões, de intervir no processo, de enfrentar situações em constantes mudanças. Estes profissionais devem estar capacitados para os desafios que a nova prática em saúde exige (THERRIEN, FEITOSA, 2010; ANTUNES, EGRY, 2000; BRASIL, 2007).

Por isso, é fundamental que os alunos extrapolem os muros da universidade para construir o conhecimento contextualizado e integrado na realidade de saúde onde a universidade está inserida. Assim as instituições de ensino devem inserir os alunos o mais precocemente possível no mundo do trabalho, propondo uma visão global das ações em saúde, desta forma, os mesmos devem ter possibilidades de aplicar os conhecimentos teóricos nos campos de prática. (SILVA, SENA, 2006; CHIESA et al, 2007).

Para que haja a mudança na formação do profissional de saúde é necessária a transformação também na prática educativas dos docentes. Práticas educativas podem ser compreendidas como as práticas ou atividades do docente no processo de ensino aprendizagem. Uma vez que apesar de todo discurso de mudança, os professores ainda dão ênfase somente ao domínio cognitivo e no ensino tecnicista, no repasse e reprodução de conhecimentos, na fragmentação excessiva das disciplinas e conteúdos, na pouca reflexão sobre o cotidiano, no acúmulo de conteúdos a ser repassados, o que gera uma falta de “tempo” para que o aluno possa re-elaborar o que estudou (BRASIL, 2007).

Alguns desafios limitam as mudanças na prática docente. O primeiro fator é a desvalorização do ensino em detrimento as atividades de pesquisa, ou seja, no meio acadêmico o que é valorizado são as pesquisas realizadas, a produção científica, a ação de

ensino é secundária em relação às publicações, inclusive na seleção de professores para trabalhar na universidade. Outro fator limitante é a falta de profissionalização docente. Isso pode ser explicado porque na maioria das vezes os professores dos cursos de saúde “se tornaram professores” em razão da sua atuação profissional e não tiveram capacitação específica para a área da educação e espaço para discutir a sua formação enquanto professor. Pode-se citar ainda, a desvalorização da formação docente, a maioria dos professores não vê necessidade da formação para docência, uma vez que, acreditam que para ser professor é necessário apenas conhecer o conteúdo a ser ministrado.

Neste contexto, os professores não fazem uma reflexão sobre suas ações do dia a dia e acabam por repetir as ações aprendidas nos seus cursos de graduação e pós graduação e isso torna-se um ciclo. Outro limite é a resistência às mudanças, normalmente os professores não querem mudanças uma vez que se sentem confortáveis nas suas ações repetitivas .

Pode também ser considerado como limitante o individualismo na ação docente, ou seja, ainda se segue “síndrome do ensinar a minha maneira”, não acontecendo a articulação entre as áreas, a predominando a racionalidade técnica e o enfoque individual em detrimento ao coletivo(COSTA,2007;CASTANHO,2002,COSTA,2010). E ainda a falta de conhecimento dos professores sobre as políticas de formação e sobre o novo perfil de profissional a ser formado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece ficar evidente que existe um novo contexto de saúde e a necessidade da formação de um novo profissional de saúde e é necessário para tal que o docente da área de saúde modifique suas atividades educativas.No entanto ainda existem uma série de desafios que devem ser vencidos para que as políticas de reorientação da formação possam transpor para o dia a dia das graduações em saúde, E neste contexto, a universidade deve proporcionar condições formativas para que os docentes se preparem para o novo enfoque do processo de ensino aprendizagem, que as universidades também criem espaços de discussão sobre a formação dos profissionais de saúde e sobre as práticas docentes, sobre metodologias e métodos de ensino e avaliação para se possa disseminar o conhecimento e diminuir a lacuna que ainda existe sobre esta temática.

Referências Bibliográficas:

ANTUNES, M. J. M.; EGRY, E. Y. O programa de saúde da família e a reconstrução da atenção básica no SUS: a contribuição da enfermagem brasileira. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 54, n. 1, p. 98-107. jan./mar. 2000.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Revista Brasileira de Saúde da Família**, Brasília, DF, ano II, n. 5, Edição Especial, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES n. 3, de 7 novembro de 2001. Institui as diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Enfermagem. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília (DF), 9 nov. 2001. Seção 1, p. 37.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. **Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde – Pró-Saúde**: objetivos, implementação e desenvolvimento potencial. Brasília, 2007. 86 p. (Série C. Projetos, Programas e Relatórios).

CASTANHO, M. E. Professores de Ensino Superior da área da Saúde e sua prática pedagógica **Interface - Comunic, Saúde, Educ**, v6, n10, p.51-62, fev 2002

CHIESA, A. M.; FRACOLLI, L. A.; SOUSA, M. F. Enfermeiros capacitados para atuar no Programa Saúde da Família de São Paulo: relato de experiência. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 28, n.67, p. 91-99. maio/ago. 2004.

Costa N .M.S.C. Docência no Ensino Médico: por que é tão difícil mudar? **Rev Bras Educ Médica** 2007;31:21-30.

SILVA, KL; SENA, R.R. Integralidade do cuidado em saúde: indicações a partir da formação do Enfermeiro. **Rev. Esc. Enferm USP** 2008;42(1):48-56.

THERRIEN, S.M.N; FEITOSA, L.M , Ação formativa e o desafio para a graduação em saúde .**Rev. Brasileira de Educação Médica** ,2010, 34(2) 227-237.

